

## **A POSSIBILIDADE DE UM NOVO OLHAR PARA O QUE ESTÁ AO SEU REDOR, COM DASEINSANÁLISE**

**RÔSMARI LISBOA LOPES<sup>1</sup>; EDIO RANIERE DA SILVA<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas<sup>1</sup> – rolisboa.psico@hotmail.com<sup>1</sup>*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas Orientador – edioraniere@gmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho se refere a uma reflexão sobre o significado da existência com um desenrolar terapêutico numa história fictícia usando deseinsanálise no tratamento terapêutico de Sidarta, um brâmane, personagem da obra de Hermann Hesse (1967). Os acontecimentos transitam por realidades de épocas diferentes, pois o trabalho terapêutico que acontece não existiria em 1600, época usada, neste enredo, para o decorrer dos fatos na vida deste paciente.

O processo terapêutico se dá num centro comunitário onde a psicoterapeuta Rôsmari (eu) o atende por um período de seis meses com encontros semanais, tendo cada encontro um tempo de uma hora e meia aproximadamente.

Sidarta é um brâmane, admirado por seu povo, no entanto sentindo-se infeliz e com um vazio existencial. Deixa a casa de seus pais para sair com um amigo em busca de sabedoria, paz espiritual e felicidade. Porém na sua caminhada passa por decepções, desilusões e frustrações, porque não encontra suas respostas nos grupos de nômades que são considerados sábios.

Neste processo de busca, passa a andar sozinho, pois escolhe seguir quando seu amigo decide ficar em um dos grupos. Porém conhece uma bela mulher que o seduz e que motiva a ser comerciante, no entanto esse momento seu comportamento muda radicalmente. Começa a jogar a dinheiro, agindo sem escrúpulos e bebendo álcool rotineiramente. Continua sozinho e vive dias de farra consecutivos até que percebe-se em atitudes repugnantes. Querendo sair desta situação sai pela rua sem rumo e com comportamento de que havia perdido a razão. E em meio a um profundo desânimo encontra, sentado na rua, um mendigo que com seu cachorro transparece feliz. Senta-se então ao lado deste e começa contar-lhe sobre sua história. O mendigo lhe aconselha a procurar o centro comunitário porque lá encontraria psicóloga e possivelmente auxílio para seus conflitos. Sidarta vai até o local em busca de ajuda. E neste momento também descobre que a mulher que um dia o seduziu está doente e que irá morrer, deixando uma criança, que é filho de Sidarta, aos cuidados dele.

Há um conflito existencial decorrente da forma que Sidarta significa o mundo, sua trajetória, seu espaço. Tem a dificuldade da relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo, dificuldade nas relações. Uma cobrança de si e do outro. Preocupa-se com seu futuro e com os erros do passado, o tempo decorrido e o que virá. Com sua trajetória, com seus fracassos, com sua obra diferente do que almejava. O vazio existencial que atormenta Sidarta pode se dizer que é o nada, é a angústia da busca de um sentido para a existência. E pode se pensar então que há um vazio dando a oportunidade de ser preenchido com uma nova maneira de estar no mundo.

Conforme AUGRAS (2009) o momento do encontro entre o psicólogo e o cliente é a atualização do encontro entre o eu e o outro. E assim o terapeuta inicia o processo com Sidarta.

O processo terapêutico então vem através da *dasein* análise como uma forma de criar um espaço para que o paciente possa olhar para sua trajetória com um novo olhar e poder então ressignificar o que julgava errado em sua vida e rever o que pensava sobre nada ter sido como ele esperava em sua busca. SCHNEIDER (2011) coloca a relação com o corpo conforme Sartre, do corpo-em-si e do corpo-para-si. O corpo-em-si é como os outros vêem o corpo, como é para o outro e o corpo-em-si é como sou, como é para o próprio ser. E Sidarta encontra o outro para ter a oportunidade de poder olhar-se e para poder ter um espaço para pensar de fora de si, fora de seus sentimentos e de seu julgar-se.

Conforme HUSSEL (1988), a consciência empregada pela fenomenologia com a capacidade, a imaginação transcendental, que tem uma infinita capacidade de dar incontáveis formas de sentido e que pode estar aprisionada num conceito único. Sidarta refletindo, pode ter um espaço para respirar/repensar dentro do tumulto interno que se encontrava. Conforme HEIDEGGER (2007) "... entregue a essência do que se descobre e de seu descobrimento...".

Nos escritos de HEIDEGGER (1989) o homem é ser aí (*dasein*). O ser aí é sempre ser no mundo, ser com os outros. O ser aí inacabado até a morte. O ser é subjetividade e transcendência, com possibilidade de se reconstruir e se reestruturar. O ser em abertura, aberto nele mesmo, é disposição e compreensão. O ser enquanto possibilidade de ser no mundo. Em angústia lança-se a possibilidade de ser mais próprio. E tem o cuidado como condição existencial.

O homem é um ser livre e responsável por sua liberdade, ele é o que é por ter essa liberdade de se fazer ser. Forma-se de maneira singular e ao mesmo tempo universal. E conforme SCHNEIDER (2011) é no processo de apropriação do seu externo (social, antropológico e físico), de forma singular, que constrói sua subjetividade que vai se objetivar em seus atos, suas emoções. O ser se constitui nas suas relações, com seu exterior, tendo, portanto influência do meio social, família, cultura, etc. Assim por tanto subjetiva a objetividade, sendo então a subjetividade uma apropriação da objetividade, esta se dá nesse processo dialético. Pensando assim, conforme AUGRAS (2009), a consciência é uma doadora de sentido para o mundo.

Sidarta chega para a terapia com a queixa de sair em busca de sua sabedoria, para ser um homem sábio na velhice e com o desgosto de ter feito de seu caminho percorrido como um fracasso. Em relação ao tempo e na relação com o tempo SCHNEIDER (2011) coloca que quem dita a temporalidade é o ser humano já que esta existe porque o ele existe. Também coloca que se faz uma síntese dialética entre passado, presente e futuro, pois é no que realiza, constrói, ama e é amado, sofre, é que vai se constituindo como ser; bem como projetar-se, querer ser alguém. "O homem faz a história na mesma medida em que a história o faz". Projetado pelo futuro, que é um possível vir a ser, faz o seu passado, construindo no presente, que rapidamente vira passado, e assim se faz a síntese temporal. Podemos ver que Sidarta mostra que vive sua história, faz seu passado pela motivação do seu futuro, do seu vir a ser. É produtor e produto da dinâmica temporal.

E nessa construção temporal vem o significar, que vai acontecendo conforme a emoção que aparece nesse descontentamento e questionamento da existência. E conforme a busca Sidarta vai transformando-se emocionalmente mostrando motivação e desilusão até seus momentos de desespero que o faz andar sem rumo. Assim pode-se dizer que o homem é psicofísico, pois seu emocional se mostra em suas manifestações corpóreas. O corpo pode inclusive adoecer devido ao

seu emocional, porque é a manifestação sem fala, é como vai expressar o que está sentido. Pode-se pensar então o ser como físico, psíquico, relações, mundo, significar, projeto, temporalidade.

No decorrer do processo terapêutico Sidarta consegue observar conquistas e sucessos em sua vida que não conseguia ver em seu passado. Percebe o quanto importante foi muitos dos momentos que viveu e que considerava apenas tropeços e conflitos. Descobre o valor de ter um filho, o que não tinha ainda parado para pensar. Consegue mudar sua forma de agir para com o seu filho fazendo do conflito uma conversa com perspectivas positivas, mostrando uma nova forma de relacionar-se com seu mundo e com o social. Também consegue pensar seu futuro com possibilidades, o oposto do que pensava anteriormente. Consegue ver a possibilidade de construir sua sabedoria. E com relação ao que viveu teve um novo olhar podendo dar um novo significado ao que considerava fracasso. Que os momentos que viveu e que não foram como esperava também tiveram seus valores acrescentados à sua história de vida, ou seja, pode ver o seu projeto de ser e resignificar o seu passado vendo assim suas possibilidades de ser.

## **2. METODOLOGIA**

Este trabalho foi desenvolvido com a liberdade de criar um processo terapêutico com o personagem da obra de Hermann Hesse de 1967, podendo trabalhar dentro dos conceitos das teorias humanistas, desenvolvendo um processo de experiência e aprendizado dentro da disciplina de teorias psicoterápicas III no curso de psicologia.

O desenrolar se dá com o discorrer de encontros terapêuticos fictícios onde o paciente traz as suas dificuldades e conflitos e a terapeuta (autora – Rôsmari) faz seu trabalho de acolhimento inicial desenvolvendo sequencialmente, em encontros subsequentes, um processo de oportunizar, a Sidarta, a possibilidade resignificar o projeto de ser no mundo.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A construção do processo terapêutico fictício foi desenvolvido como uma forma de oportunizar o aprendizado através de uma experiência do estudante de psicologia se colocar no lugar de terapeuta. Podendo executar assim o seu papel na minimização de sofrimento e neste caso de auxiliar no resignificar da existência do ser em sofrimento.

## **4. CONCLUSÕES**

Este trabalho pode proporcionar um momento de aplicar a teoria num atendimento irreal, com a liberdade de usar a criatividade para imaginar as possíveis demandas que podem aparecer e que talvez sem essa oportunidade não a viveria neste período de graduação. Trabalhando a sensação de estar terapeuta como tal e poder despertar a criatividade de pensar características no paciente, aprimorando a capacidade de atuar na vida profissional real.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGRAS, M. **O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HEIDEGGER, M. **A questão da Técnica**. V.5, São Paulo: Scientiae Studia., 2007.

\_\_\_\_\_, **Ser e Tempo**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_, **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

HUSSEL, E. **Invesitgações Lógicas. Sexta Investigação (Elementos de uma elucidação fenomenológica do Conhecimento)**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

SARTRE, J. P. **Esboço para uma teoria das Emoções**. 1 ed. Porto Alegre: L&PM, 2008.

\_\_\_\_\_, **O Ser e o Nada**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SCHNEIDER, D. **Sartre e a psicologia clínica**. 1 ed. Florianópolis: UFSC, 2011.

BRANCO, J. L. C. C. **A angústia na obra de ingmar bergman: sarabanda em ser e tempo de martin heidegger**, Universidade presbiteriana mackenzie castejón branco. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2010/Arte/dissertacao/filme\\_ing\\_berg.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Arte/dissertacao/filme_ing_berg.pdf). Acesso em 20 mai. 2015.

FEIJOO, A. M. L. C. **A clínica Daseinsanalítica: considerações preliminares**. *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia, v. 17, n. 1, jun. 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672011000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 20 mai. 2015.

SILVA, E. R. **Psicologia clínica, um novo espetáculo: dimensões éticas e políticas**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 21, n. 4, p. 78-87, Dec. 2001. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932001000400009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000400009&lng=en&nrm=iso)>. access on 20 mai. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932001000400009>.